

VOL II

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE MÚSICA



Javier Albornoz
(Organizador)

VOL II

ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE MÚSICA



Javier Albornoz
(Organizador)

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva:

Viviane Carvalho Mocellin

Organizador:

Javier Albornoz

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás

Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E79 Estudos Latino-Americanos sobre Música: vol II [recurso eletrônico] /
Organizador Javier Albornoz. – Curitiba, PR: Artemis, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilingue

ISBN 978-65-87396-13-2

DOI 10.37572/EdArt_132100920

1. Música – América Latina – História e crítica. 2. Musicoterapia.
3. Musicologia. I. Albornoz, Javier.

CDD 780.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

The E-book “Estudos Latino-Americanos sobre Música” compiles top-notch research in a rich collection of works that contribute to the study of music from a multicultural approach.

The book focuses on a plurality of themes anchored in academic findings by Latin-American scholars, presented in a didactic and concise language that is accessible to both professors and students.

This series of articles presents the reader with knowledgeable insight that connects music and the modern world through varied methods and perspectives. The articles are organized into two volumes, integrating theory and practice, and encompassing a wide range of topics without losing sight of specificity.

Volume I focuses on the impact of music on society and includes studies on the complex history of music throughout Latin America and beyond, as well as the fascinating genre of electroacoustic music.

Volume II provides thought-provoking studies that focus on the performance of music and the various techniques involved in its creation, along with new ideas in the fields of music education and music therapy.

As a composer and educator, it is always at the forefront of my goals to promote the arts and the study and development of music. It is with great pleasure that I accepted the invitation to organize this book, a composite of works written by my esteemed colleagues.

I hope the reader enjoys its content as much as I did!

O E-book “**Estudos Latino-Americanos sobre Música**” reúne pesquisas de ponta em um rico acervo de obras que contribuem para o estudo da música a partir de uma abordagem multicultural. O livro enfoca uma pluralidade de temas ancorados em descobertas acadêmicas de estudiosos latino-americanos, apresentados em uma linguagem didática e concisa que é acessível a professores e alunos.

Esta série de artigos apresenta ao leitor uma visão bem informada que conecta a música e o mundo moderno por meio de métodos e perspectivas variadas. Os artigos estão organizados em dois volumes, integrando teoria e prática, abrangendo uma ampla gama de tópicos, sem perder de vista a especificidade.

O Volume I enfoca o impacto da música na sociedade e inclui estudos sobre a complexa história da música na América Latina, bem como o fascinante gênero da música eletroacústica.

O Volume II contém estudos instigantes focados na performance e nas várias técnicas envolvidas em sua criação, juntamente com novas idéias nos campos da educação musical e da musicoterapia.

Como compositor e educador, é sempre minha prioridade promover as artes e o estudo e desenvolvimento da música. É com grande satisfação que aceitei o convite para organizar este livro, um conjunto de obras escritas pelos meus estimados colegas.

Espero que o leitor goste de seu conteúdo tanto quanto eu!

Javier Antonio Albornoz

SUMÁRIO

PERFORMANCE

CAPÍTULO 1 1

PIANISTA COLABORADOR: HABILIDADES EM DESENVOLVIMENTO

[Sandra Bernabé Moreira Berto](#)

[Claudia De Araujo Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009201

CAPÍTULO 2 17

ESTRATÉGIAS DE ENSAIO PARA A CONSTRUÇÃO DO SOM COLETIVO EM COROS AMADORES
PERFORMANCE

[Paula Castiglioni](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009202

CAPÍTULO 3 23

COMPONENTES SENSOMOTRICES Y CONCIENCIA CORPORAL EN EL APRENDIZAJE Y LA
EJECUCIÓN INSTRUMENTAL

[Natalia Avella Ramírez](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009203

CAPÍTULO 4 31

A MEMÓRIA NA APRENDIZAGEM E PERFORMANCE MUSICAL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

[Susan Stéphanie Opiechon](#)

[Rosane Cardoso de Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009204

CAPÍTULO 5 44

ANÁLISE HARMÔNICA COMO RECURSO AUXILIAR PARA A MEMORIZAÇÃO DE UMA OBRA
MUSICAL AO VIOLÃO: UMA PROPOSTA AO INTÉRPRETE¹

[José Simião Severo](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009205

PERFORMANCE E TÉCNICAS DE PERCUSSÃO

CAPÍTULO 6 51

IDIOMA E SONORIDADES DO REPINIQUE: PROPOSTA DE UMA ESCRITA MUSICAL

[Rafael Y Castro](#)

[Carlos Stasi](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009206

CAPÍTULO 7 59

CHOCALHOS POPULARES EM UMA PEÇA PARA PERCUSSÃO E ELETRÔNICA: BOREAL III-
PROCESSOS INTERPRETATIVOS

[Mateus Espinha Oliveira](#)

DOI 10.37572/EdArt_1321009207

CAPÍTULO 8	67
QUATRO ESTUDOS BÁSICOS DE ABAFAMENTOS PARA A TÉCNICA DE DUAS BAQUETAS – UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ESTUDO DO VIBRAFONE ¹	
Alisson Antonio Amador	
DOI 10.37572/EdArt_1321009208	
CAPÍTULO 9	83
PREVENÇÃO DE LESÕES MUSCULOESQUELÉTICAS EM ATIVIDADES DA BANDA MARCIAL: PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE PERCUSSÃO E REGENTES	
Marcio Szulak	
DOI 10.37572/EdArt_1321009209	
EDUCAÇÃO MUSICAL	
CAPÍTULO 10	98
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO DO PIANO NO BRASIL	
Sandra Bernabé Moreira Berto Claudia De Araujo Marques	
DOI 10.37572/EdArt_13210092010	
CAPÍTULO 11	114
FORMAÇÃO DE PROFESSORES E TRANSMISSÃO DE CULTURA: A EDUCAÇÃO MUSICAL NA CIDADE DE PIRENÓPOLIS – GOIÁS	
Aline Folly Faria	
DOI 10.37572/EdArt_13210092011	
CAPÍTULO 12	124
MÚSICA, JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: ALGUMAS DISCUSSÕES INICIAIS	
Amós Oliveira	
DOI 10.37572/EdArt_13210092012	
CAPÍTULO 13	132
A MÚSICA NA ESCOLA: O QUE OS DOCUMENTOS LEGAIS BRASILEIROS GARANTEM SOBRE A INCLUSÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS PSIQUIÁTRICOS?	
Plinio Gladstone Duarte Viviane dos Santos Louro	
DOI 10.37572/EdArt_13210092013	
CAPÍTULO 14	143
ESTÁGIO SUPERVISIONADO COM FLAUTA DOCE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL: UM TRABALHO DE MUSICALIZAÇÃO PARA A DIVERSIDADE ¹	
Daiane Oliveira Machado Maria Cecília de A. R. Torres	
DOI 10.37572/EdArt_13210092014	

MUSICOTERAPIA

CAPÍTULO 15	152
CONFIABILIDADE INTER-EXAMINADORES DA VERSÃO BRASILEIRA DA ESCALA NORDOFF ROBBINS DE COMUNICABILIDADE MUSICAL	
Aline Moreira Brandão André Cristiano Mauro Assis Gomes Cybelle Maria Veiga Loureiro	
DOI 10.37572/EdArt_13210092015	
CAPÍTULO 16	164
VÍNCULO TERAPÊUTICO NA MUSICOTERAPIA EDUCACIONAL	
Guilherme Seiti Kossugue Agibert Noemi Nascimento Ansay	
DOI 10.37572/EdArt_13210092016	
SOBRE O ORGANIZADOR	182
ÍNDICE REMISSIVO	183

MÚSICA, JUVENTUDE E ENSINO MÉDIO: ALGUMAS DISCUSSÕES INICIAIS

Data de submissão: 18/08/2020

Data de aceite: 24/08/2020

Amós Oliveira

Instituto Federal Baiano

<http://lattes.cnpq.br/6019288150270461>

RESUMO: Este ensaio apresenta algumas considerações sobre a relação entre a música, os jovens e o ensino médio. No geral, a juventude enquanto conceito tem sido encarada como uma passagem entre a infância e a vida adulta, mas sem propriamente ter limites demarcadamente rígidos (CATANI; GILIOLI, 2008). Porém, apesar de ser um momento na vida do sujeito, ela não se reduz a isso. Ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas também uma questão de construção social. A escola também é um espaço de socialização da cultura juvenil - cultura que é fundamental na construção de suas personalidades, afetos e gostos. É fundamental compreender como a escola tem dialogado com os jovens na construção da educação musical escolar e como esses conteúdos agregam os saberes musicais dos estudantes. Assim, é importante refletir sobre qual o papel da escola e seu interesse em estabelecer relações com esses saberes musicais dos jovens, suas sensibilidades e práticas musicais na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: educação musical, escola, juventude, ensino médio

MUSIC, YOUTH AND HIGH SCHOOL: SOME INITIAL DISCUSSIONS

ABSTRACT: This paper presents some points about the relation among music, youth and high school. Generally, youth, as a concept, has been faced as a transition between childhood and adulthood, but not having strict limits properly (CATANI; GILIOLI, 2008). However, despite being a moment in the person's life, youth is not just about that. Being young is not only a biological condition, but also a social construction. The school is a space for youth culture socialization as well – which is fundamental to build their personalities, affections and tastes. It is substantial to understand how school has dialogued with their young students about music education and how the school has embraced their musical knowledge. Thus, it is important to consider what is the role of the school and its interests to set relations with musical knowledge of young people, their sensibilites and musical practices.

KEYWORDS: music education, school, youth, high school.

JUVENTUDES...

No momento em que me debruço para escrever algumas reflexões sobre as juventudes, abro uma página de uma rede social (*Twitter*), e me deparo com diálogos entre jovens (entre os quais me incluo), questionando a si mesmos das mais diversas formas. Questionam suas existências, suas inseguranças na vida, alguns comemoram a aprovação no vestibular, outros lamentam a falta de emprego, alguns outros buscam reafirmar suas identidades através da música... Me parece que, ao passo em que busco a tradução do que seriam essas juventudes, elas também procuram seus lugares, seus espaços, suas próprias traduções. Esse pode ser um bom ponto de partida para começar a discussão. Nessa leitura, reúno alguns autores e trago algumas reflexões em torno do que seriam as juventudes, a música e sua relação com a educação musical escolar no ensino médio.

Catani e Gilioli (2008, p. 12) falam que “para a sociedade, o desafio é definir o jovem, enquanto para os jovens é definir-se diante de si próprio”. As imprecisões, incertezas e a busca pela descoberta de seu lugar no mundo são questionamentos que atravessam toda a nossa vida, mas são mais latentes durante a juventude. Essa diversidade de questionamentos e comportamentos nos convida a refletir sobre quem são esses jovens e o que são essas juventudes.

Atualmente, os acadêmicos, acerca dos estudos da juventude, têm buscado compreendê-la e nomeá-la de forma plural: juventudes. Não há uma juventude, mas várias. Essa questão é apresentada por Dayrell em um de seus livros (2005), quando aponta a necessidade de compreender as múltiplas formas de ser jovem e os diversos olhares sobre o tema, compreende também que não é fácil construir uma noção de juventude que consiga abranger a heterogeneidade do real. Por mais que se refira a uma determinada faixa etária, não há uma uniformidade em ser jovem, principalmente porque a construção juvenil perpassa por signos e representações sociais que são próprios de seus grupos e seus pares. Essas condições do *ser jovem* englobam o acesso à educação, questões de gênero, sexualidades, crenças religiosas, classe social e construções étnico-raciais. Não há, portanto, uma maneira de uniformizar a condição juvenil.

Dayrell e Carrano (2014, p. 112) afirmam que:

Além das marcas da diversidade cultural e das desiguais condições de acesso aos bens econômicos, educacionais e culturais, a juventude é uma categoria dinâmica. Ela é transformada no contexto das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude, e sim, jovens enquanto sujeitos que a experimentam e a sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se inserem e, assim, elaboram determinados modos de ser jovem.

Definir tão objetivamente esse conceito é um desafio que a Sociologia das Juventudes tem encarado ao longo dos anos. Há uma imprecisão, pois não é possível

falar da juventude apenas no seu conceito biológico. É mais coerente considerá-la como uma condição social que é mutável de acordo com a situação em que os indivíduos estão inseridos e em que momento histórico vivem. No geral, a juventude, enquanto conceito, tem sido encarada como uma passagem entre a infância e a vida adulta, mas sem propriamente ter limites demarcadamente rígidos (CATANI; GILIOLI, 2008). Entretanto, apesar de ser um momento na vida do sujeito, ela não se reduz a isso. Ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas também uma questão de construção social.

Enquanto nas sociedades ditas tradicionais identificam-se marcos claros na passagem da infância para a vida adulta (muitas vezes sem períodos intermediários), as sociedades modernas se caracterizam por ter a juventude como fase transitória entre a condição infantil e a adulta. (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 15)

Por ser lida como um momento transitório, outros autores questionam esse “não-lugar” no qual muitos interpretam a condição juvenil. Seria uma espécie de desqualificação etária que é socialmente lida como um momento de instabilidades, de “ser um problema”, de subordinação à vida adulta. Marília Sposito (2002, p. 09) questiona a ideia de transição como sinônimo de indeterminação, pois

este momento cada vez mais alongado no percurso de vida continuaria, paradoxalmente, sofrendo um conjunto grande de atribuições que o desqualificam exatamente porque se trata apenas de uma passagem.

Concordando com a autora, é preciso que haja, aqui, um cuidado especial quanto às atribuições conceituais para as juventudes como um “momento”, pois podem habilitar uma leitura recorrente de compreendê-las como um problema, condicionando-a a um lugar subalterno e marginalizado.

Pais (1990) afirma que existem duas tendências fortes na chamada Sociologia da Juventude: a *geracional*, com os estudos sobre ser uma fase da vida, buscando os traços em comum e uniformes desse espaço etário do ser humano; e uma vertente *classista*, que busca compreender a juventude como fenômeno social diversificado. Dialogando com a tendência geracional, a juventude, como uma definição cronológica na vida do sujeito, possui seus limites. É certo que há uma “caracterização universal”, que aglutina transformações no desenvolvimento físico e psicológico do ser humano, entretanto, Dayrell e Carrano (2014) entendem essa delimitação como um aspecto objetivo para compreender a maturidade biológica e também as políticas públicas que devem ser desenvolvidas para essas pessoas, e entendem, também, suas limitações.

Numa contextualização denominada de *classista*, a juventude não é limitada apenas a uma questão biológica do desenvolvimento, como uma passagem de um ciclo a outro. Entretanto, em uma entrevista, Pais (2017) faz um alerta importante quanto à dicotomia de polos opostos quando se trata de compreender as juventudes:

Alguns conceitos deixam escapar as relações de reciprocidade entre pólos opostos de aparentes contradições: o objetivo e o subjetivo, o micro e o macro social, o acontecimento e o histórico, etc. As experiências cotidianas constituem uma fonte de aprendizagem do mundo da vida. Por isso, devemos explorar as minudências da vida social, as potencialidades interpretativas de aspetos (sic) aparentemente anódinos da vida cotidiana que nos podem dar pistas sobre as dinâmicas e processos sociais. (PAIS et al., p. 311)

JOVENS, ESCOLA E EDUCAÇÃO MUSICAL

A escola, em suas múltiplas possibilidades, que vão além da sala de aula, é um espaço também de socialização entre os jovens e fundamental para suas trocas. Os corredores, o pátio, o jardim e até mesmo o espaço em frente à escola são territórios de interação. A socialização dos jovens nesses lugares pode ser um interesse conflitante com o sistema escolar dominante. Nascimento (2013) afirma que

os rituais escolares podem abranger múltiplos significados e permitir que se desenvolvam formas de dominação e também de resistência no espaço escolar, onde o capital cultural dominante pode entrar em conflito com a cultura própria que os jovens trazem para a escola (p. 85).

No que tange aos jovens no contexto escolar, concordamos com Dayrell (2007) quando afirma que a escola também funciona como um espaço de socialização da cultura juvenil – cultura essa que é fundamental na construção de suas personalidades, afetos e gostos. Nesse sentido, a escola, naturalmente, pode se tornar um espaço excludente, que subalterniza a cultura desses sujeitos. Dialogando com essa afirmação, Peregrino e Carrano (*apud* ARROYO, 2007, p. 20) falam que “os jovens podem identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição onde suas culturas não podem se realizar”.

Através da influência da Lei 11.769/08 (BRASIL, 2008), que torna obrigatório o conteúdo Música no componente curricular Arte e, mais recentemente, da Lei 13.278/2016 (BRASIL, 2016), que altera a Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação, e inclui, além de Música, também as Artes Visuais, a Dança e o Teatro como conteúdos que devem constituir o componente curricular Arte, as atividades pedagógico-musicais escolares têm recebido uma melhor atenção, mesmo que insuficiente, nessa década. Ainda é preciso falar que, apesar de a lei contemplar as linguagens artísticas citadas, no geral, houve uma redução na carga horária do componente, instituído através da Base Nacional Comum Curricular e da Lei 13.415 de 2017 (BRASIL, 2017), que reforma o Ensino Médio e readéqua sua carga horária e percurso formativo. No âmbito escolar, a educação musical tem objetivos de aprendizagem que, muitas vezes, diferenciam-se de outros espaços educacionais (como escolas especializadas, ONGs que trabalham com o ensino de instrumento etc.). Isso porque o ensino musical na educação básica, na maior parte

de suas práticas, não intenciona a formação de músicos profissionais, mas sim de oportunizar o acesso a conhecimentos musicais e democratizar o acesso à cultura, ou seja, ampliar os horizontes dos saberes musicais. Falar de música na escola é, imediatamente, pensar nos sujeitos que dão sentido a esse espaço: os jovens. Música, juventude e escola formam um trinômio de bastante interesse em algumas pesquisas científicas (ARROYO, 2007; DEL BEN, 2012), e é nessa perspectiva que seguiremos neste trabalho.

É fundamental compreender como a escola tem dialogado com os jovens na construção desses componentes curriculares musicais e como esses conteúdos agregam os saberes musicais dos estudantes. Arroyo (2007, p. 08) afirma que “um ponto a ser considerado se refere às novas sensibilidades musicais que esses jovens estão construindo no seu tempo presente e que a escola tem dificuldade de contemplar”. A escola, desde a reforma do ensino médio proposta na década de 90, apontou diversas mudanças para uma educação no século XXI, atualizando seus fundamentos e com a “exigência de aproximação entre currículo e cultura juvenil” (DEL BEN, 2012, p. 40). Entretanto, as mudanças pretendidas não aconteceram no plano concreto. Assim, é importante refletir sobre qual o papel da escola e seu interesse em estabelecer relações com esses saberes musicais dos jovens e quais são as sensibilidades e práticas musicais na atualidade. Os jovens e a escola podem viver numa problemática relação. Se por um lado a escola propõe um programa de conteúdos e comportamentos dirigidos por atos institucionais normativos, os jovens chegam à escola com seus saberes, desejos e experiências construídas com seus pares. Qual tem sido o interesse da escola na experiência juvenil? Mais além: o que fazer dessa experiência? Dayrell (2007, p. 1110) aponta que

para esses jovens, destituídos por experiências sociais que lhes impõem uma identidade subalterna, o grupo cultural é um dos poucos espaços de construção de uma auto-estima (*sic*), possibilitando-lhes identidades positivas.

Essa reflexão é importante pois aponta como os grupos culturais juvenis, a música e seus símbolos trabalham na construção de suas identidades e autoestima. Dessa forma, entendemos que a escola precisa abraçar as experiências culturais dos estudantes, tratando-os não de forma generalizada e clientelista, mas como sujeitos e atores de suas próprias vivências.

Ainda em sua investigação, Dayrell (2007, p. 1110) continua dizendo que “[...] se a escola se abriu para receber um novo público, ela ainda não se redefiniu internamente, não se reestruturou a ponto de criar pontos de diálogo com os sujeitos e sua realidade”. Peregrino e Carrano, citados por Arroyo (2007, p. 20), afirmam que os jovens podem identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição onde suas culturas não podem se realizar nem tampouco se fazer presentes.

Muitas vezes, a escola entra em desacordo ou em desconsideração com a própria realidade escolar e dos jovens inseridos nela, aprofundando, assim, os abismos e aumentando os muros entre a escola e a cultura juvenil, além de negligenciar suas bagagens musicais. Del Ben (2012) nos traz uma importante observação acerca da escola: ela precisa ser uma escola para os jovens. A autora aponta ainda:

E é também entre os jovens que a escola parece mais facilmente perder o sentido. Por isso, os resultados e conclusões dos trabalhos da área de educação musical, muitas vezes, vêm aliados a uma crítica à escola, que não tem conseguido se constituir como uma escola jovem, para os jovens. (DEL BEN, 2012, p. 39)

Carlos Abril (2013) também nos chama atenção sobre a necessidade de existir uma educação musical que seja culturalmente sensível e receptiva. Essa sensibilidade não dá conta apenas de apresentar em sala de aula as músicas de outras culturas do mundo, mas principalmente de construir uma pedagogia que compreenda os contextos sociais, anseios e valores que os jovens trazem consigo. Segundo o autor,

para ser culturalmente receptivo, é essencial que os professores olhem e conheçam seus estudantes tanto como indivíduos e também como membros de extensos círculos sociais. Esse saber prepara melhor o professor para responder seus planejamentos de aulas, aproveitando os pontos fortes dos alunos e fornecendo histórias e exemplos relevantes durante a instrução. (ABRIL, 2013, p. 07)

No mesmo trabalho, Del Ben (2012, p. 41) realizou um levantamento das principais tendências de investigação de estudos que tomam a Educação Musical escolar como objeto de estudo e constatou que, dos 217 trabalhos publicados entre 2000 e 2010 na Revista da ABEM, 37,3% (ou seja, 81) desenvolvem a temática da Educação Musical escolar como objeto de estudo. Desses 81 trabalhos, ela verificou que apenas 08 citam o ensino médio explicitamente e, ainda assim, muitas vezes associado a outros níveis escolares. Ainda sobre o tema, a mesma autora conclui que, embora considerações mais precisas dependam da leitura dos artigos na íntegra, os dados contidos nos elementos pré-textuais parecem sinalizar que existe uma lacuna na tematização da educação musical no ensino médio (DEL BEN, 2012, p. 41). Esses dados apontam a importância de realizar um recorte de estudos voltados para o ensino médio, visto que as investigações sobre esse nível educacional são escassas no ensino de música. Dessa forma, percebemos que refletir sobre o ensino de música no contexto da educação básica de nível médio é fundamental para traçar caminhos atualizados e consolidar a educação musical na escola em todas as etapas de escolarização, fortalecendo a música como uma área de conhecimento relevante não só para as séries iniciais, mas em todo o processo de formação do sujeito.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A ideia central deste ensaio é discutir alguns conceitos e questionamentos desenvolvidos pelos autores sobre música-juventude-ensino médio. A juventude sendo uma experiência contínua, a escola como um espaço de aprendizagem, mas também de socialização e formação das identidades juvenis, e a música como elemento central nessa fase de vida. Margarete Arroyo (2013) aponta que a quantidade de estudos sobre jovens, principalmente atrelados à música, demonstra a relevância desse código expressivo artístico para os jovens. Se tornar adulto é também uma experiência musical, diz Frith (*apud* ARROYO, 2013).

A inserção da música na escola, nas últimas décadas, passou por passos e descompassos. Enquanto algumas séries receberam mais atenção, a exemplo do ensino fundamental e da educação infantil (DEL BEN, 2012), o ensino médio, período na vida escolar do jovem que é marcado por intensas atividades e práticas musicais, não tem recebido a devida atenção. A partir dessas leituras, levanto o questionamento: por que estudar música no ensino médio? Sendo a música uma experiência muito relevante no cotidiano de vida dos jovens, quais os empecilhos para abraçá-la no currículo desse nível de ensino? Em seguida, nos questionamos: *que ensino de música* queremos no ensino médio? Ao passo em que refletimos sobre a importância da educação musical nessa etapa educacional, percebemos que é necessário trazer a cultura juvenil para dentro do planejamento, fazer da educação musical no ensino médio uma ponte entre as vidas do sujeito e a escola. Não procuro aqui apontar respostas, mas percursos reflexivos para que sejam pensados os próximos passos e lacunas para os quais a Educação Musical precisa voltar o seu olhar.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Carlos. Toward a more culturally responsive general music classroom. **General Musica Today**. Vol. 27, n. 01, p. 1-11. 2013.

ARROYO, Margarete. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 05-39. jan.- jun. 2007.

_____. **Jovens e músicas: um guia bibliográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

BRASIL. **Lei nº 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2008.

_____. **Lei nº 13.278**, de 2 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2016.

_____. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, 2017.

CATANI, Afrânio M, GILIOLI, Renato. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

_____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

_____. CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs). **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DEL BEN, Luciana. Educação Musical no Ensino Médio: alguns apontamentos. **Música em Perspectiva**, Curitiba, v. 05, n. 01, p. 37-50, mar. 2012.

NASCIMENTO, Carmen. **A casa, a escola, a rua: espaços de múltiplas práticas juvenis**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise social**, v. 25, n. 105-106, p. 139-165, 1990.

PAIS, José M., LACERDA, M., OLIVEIRA, Victor. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.

SPOSITO, Marília. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In. SPOSITO, Marília (org.). **Juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2002.

SOBRE O ORGANIZADOR

Having marveled at the music of great film composers, **Javier Albornoz** began to study the clarinet and saxophone as well as experimenting with recording and MIDI technology at nine years of age. He found the enjoyment of creating music so fulfilling that it sparked the desire in him to pursue a career in the music field early on.

Javier has a bachelor's degree from Berklee College of Music and a Master's degree from the University of Miami and has worked in audio post-production for over a decade. He is also a proud member of The Alhambra Orchestra in Coral Gables, serving as assistant principal clarinetist and writing commissioned orchestral works premiered in 2015 and 2016.

In recent years, Javier has contributed dozens of works to a production music library, while also working with several Malaysian animation studios in the production of television pilots that have been featured at the Asian Animation Summit, MIPCOM, and other international conferences and markets.

Also versed in audio post-production and sound design, Javier has taught in the graduate music technology department at the University of Miami's Frost School of Music and works with students in the Animation and Game Development department and composition students at New World School of the Arts and Miami Dade College.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acompanhamento ao piano 1, 4, 8, 12

Aprendizagem 16, 31, 32, 33, 36, 41, 42, 43, 45, 50, 96, 98, 102, 109, 110, 111, 113, 116, 127, 130, 138, 145, 146, 147, 149

Área Educacional 100, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 172, 179, 180

B

Banda Marcial 83, 84

Bateria de Escola de Samba 51

C

Chocalhos brasileiro 59

Conciencia corporal 23, 25

D

Documentos Legais 132, 135, 136

Duas baquetas 67, 68, 71, 73, 79, 80, 91, 92

E

Educação especial 133, 137, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 173

Educação musical 84, 85, 101, 111, 112, 114, 116, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 132, 141, 144, 149, 150, 151, 163, 172

Educação Musical 84, 85, 101, 111, 112, 114, 116, 118, 119, 121, 122, 124, 125, 127, 129, 130, 131, 132, 141, 144, 149, 150, 151, 163, 172

Ejecución motora 23, 26

Ensino do piano 98, 99, 102, 112

Ensino médio 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 135

Equivalência de mensuração 152, 153, 154, 161

Escala de Comunicabilidade Musical 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

Escola 14, 15, 16, 51, 52, 56, 58, 60, 80, 85, 100, 105, 106, 109, 110, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 121, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 140, 141, 143, 144, 145, 149, 150, 160, 164, 166, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177, 180

Estratégias para Construção da Sonoridade de Coros Amadores 17

F

Flauta doce 37, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Formação 1, 2, 4, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 16, 20, 31, 32, 33, 35, 37, 39, 46, 47, 68, 79, 85, 93, 96, 100, 101, 104, 106, 107, 109, 110, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 123, 128, 129, 130, 139, 140, 141, 142, 145, 150, 151, 164, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 178, 180

H

Habilidades 1, 2, 6, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 23, 25, 27, 43, 65, 111, 112, 137, 138, 139, 145, 156, 166

Harmonia 4, 44, 45, 46, 47, 86, 105, 107

História do piano 98

I

Inclusão escolar 132, 139

J

Juventude 124, 125, 126, 128, 130, 131

L

Lesões Musculoesqueléticas 83, 85, 86, 90, 93, 95

M

Memória 3, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 112

Memorização 31, 32, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 110, 145

Musicoterapia 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181

N

Notação 6, 51, 52, 53, 61, 76, 102

O

Orientações Curriculares de Música 114, 115, 117, 119, 120, 122

P

Pedagogía instrumental 23, 25, 29

Percepción sensorial 23, 27

Percussão 3, 37, 58, 59, 62, 66, 67, 68, 69, 73, 79, 80, 83, 84, 85, 86, 88, 91, 92, 93, 95, 97, 145, 175

Performance 8, 15, 16, 17, 22, 24, 31, 32, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 50, 51, 52, 59, 63, 66, 84, 85, 91, 92, 95, 98, 100, 104, 105, 115

Performance musical 31, 38, 39, 42, 43, 45, 50, 95, 98

Piano 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 15, 16, 21, 50, 62, 68, 70, 72, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Piano no Brasil 98, 99

Planejamento de Ensaio para Coros 17

Políticas públicas 126, 132

Postura Corporal 30, 83
Processos sensomotrices 23
Processo de musicalização 143, 144
Psicologia cognitiva 31, 33, 43

R

Repinique 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58

S

Sonoridade 3, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 51, 57, 63, 149, 173, 177

T

Transmissão de Cultura 114

Transtorno do Neurodesenvolvimento 152, 153, 154, 156, 157, 160, 161

Transtorno psiquiátrico 132, 139, 141

V

Validação 152, 153, 160, 161, 162, 164

Vibrafone 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 79, 80, 81, 82

Vínculo Terapêutico 164, 165, 166, 167, 170, 171, 174, 178, 179, 180



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**